



SAÚDE ÚNICA EM TERRITÓRIOS INDÍGENAS: O PAPEL DA MEDICINA VETERINÁRIA

Ester Emanoelly da Silva Alves^{1*}, Layla Carla dos Santos¹, Giselle Vanessa Alves de Moraes¹ e Lucas Belchior Souza de Oliveira².

¹Discente no Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário de Belo Horizonte - UniBH – Belo Horizonte/MG – Brasil- *Contato:esteremanoelly@gmail.com

²Docente do Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário de Belo Horizonte - UniBH – Belo Horizonte/MG – Brasil

INTRODUÇÃO

Os povos originários do Brasil possuem um histórico alarmante de impactos à saúde devido ao processo de colonização e vulnerabilização ao longo das ocupações do território³. Esses impactos estão associados principalmente às questões de vínculo em saúde ambiental, saneamento básico e por riscos associados às doenças zoonóticas.^{10, 14, 18, 19}

A medicina veterinária, até os dias atuais, possui uma imagem muito restrita ao clínico veterinário, refletindo assim no entendimento da população em relação às áreas de atuação do médico veterinário, pouco valorizando a profissão e delimitando o acesso do profissional a certos cenários.⁶

Apesar do cenário descrito e da atuação do médico veterinário nos campos de saúde animal, humana, vegetal e ambiental, esse profissional não constava na tabela de serviço à saúde indígena⁹, e, apenas recentemente, em 2023, durante a 17ª Conferência Nacional de Saúde, essa inclusão foi proposta.⁷

Diante do exposto, o objetivo desse resumo é explorar a importância da medicina veterinária para a promoção de saúde única, principalmente no que tange os aspectos aplicados em territórios indígenas.

MATERIAL E MÉTODOS

Os materiais usados para a revisão de literatura foi a seleção de sites e artigos datados com prioridade as publicações dos últimos 10 anos, que analisaram a importância da atuação do médico veterinário na saúde única e coletiva e a realidade vivida nas aldeias indígenas no contexto de saúde e bem-estar único. Contudo, devido à escassez de algumas informações, foram também utilizados artigos mais antigos que possuem importância por apresentar o perfil epidemiológico dos cenários discutidos. Como método de busca, foram utilizadas as plataformas digitais: *Science direct*, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), *Research Gate*, e, *Google Acadêmico*. Para a análise dos artigos científicos foram utilizadas as seguintes palavras-chave: saúde única, saúde coletiva, território indígena, médico veterinário, epidemiologia, vigilância em saúde, zoonoses, *indigenous health*, *one health*.

RESUMO DE TEMA

Atualmente, entende-se que o profissional da medicina veterinária seja de suma importância na promoção da saúde e bem-estar coletivo, porém, essa consideração é mais recente ao analisar os aspectos legais ao longo da história da profissão na sociedade. Para garantir um acesso justo e de qualidade aos serviços de saúde às comunidades indígenas, foi instituída a Lei Orgânica do Brasil (nº8080/1990) e foi instituído o Subsistema de Atenção à Saúde Indígena (nº 9836/1999), reforçando a necessidade do acesso à saúde nessas comunidades, em respeito aos aspectos culturais de cada etnia³. No entanto, além do longo tempo de proposição da lei considerando a saúde indígena após os impactos a partir da colonização, a medicina veterinária não foi integrada nos serviços essenciais e especializados⁹, mesmo sendo um profissional da saúde coletiva eficiente e com diversas áreas de atuação para esse cenário. Recentemente, o Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV) acrescentou em 2023 o Núcleo de Vigilância e Controle de Zoonoses na Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai) com o intuito de incluir a medicina veterinária na equipe transdisciplinar para um melhor equilíbrio sanitário e preservação do meio ambiente e da biodiversidade⁷. O motivo que faz esse profissional ser indispensável no contexto de saúde coletiva em territórios indígenas é a variabilidade de suas áreas de atuação, sendo as mais visadas neste contexto, as áreas de promoção à saúde animal e promoção do bem-estar único; a vigilância em saúde, incluído as vigilâncias sanitária, epidemiológica e ambiental; a educação contínua em saúde ambiental e as medidas multidisciplinares para a conservação do meio ambiente e dos saberes indígenas¹.

Com base nesses aspectos, alguns exemplos podem ser discutidos como as atividades realizadas na etnia Xakriabá de atendimento animal, vigilância em saúde, e educação em saúde única, demonstrado na Figura 1.

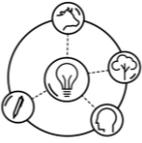


Figura 1: Possibilidades de atuação da medicina veterinária em territórios indígenas, por exemplo no Território Indígena Xakriabá: A) medicina da conservação e em saúde única: vigilância de saúde em morcegos; B) e C) medicina da produção: garantia de bem-estar e seguridade alimentar para animais como bovinos e aves domésticas; D) medicina de pequenos animais: garantia de saúde aos animais de companhia.

Fotos: Lucas Belchior

Dentre os diversos cenários de atuação do médico veterinário neste contexto, pode-se exemplificar a necessidade de intervenções na vigilância em saúde animal, como uma ferramenta de redução do risco de doenças e agravos zoonóticos. O impacto dos agravos e doenças zoonóticas já é observado em diversas etnias brasileiras, tais como: no povo Xakriabá, considerando a Leishmaniose Tegumentar, a Leishmaniose Visceral e a Doença de Chagas^{11,12,13,15}; no Povo Maxakali, considerando as endoparasitoses e a raiva humana^{2,8,14}; no Povo Mundurucu, Yanomami e Kayapó, os casos epidêmicos de malária²⁰; dentre diversos outros casos. Além disso, alguns dados alarmantes demonstram que os impactos ambientais também afetam a qualidade de vida da população indígena, muitas vezes associada às relações com os animais. Como exemplo, sabe-se que no Brasil, os casos de ofidismo são mais comuns em indígenas, sendo a taxa de fatalidade 3,5 vezes maior quando comparada a população não-indígena.¹⁷

As intervenções diretas em promoção ao saneamento básico e garantia da seguridade e segurança alimentar, também se fazem presentes nas áreas de atuação prioritária do médico veterinário. Como exemplo, pode-se citar o ocorrido com o povo Maxakali, que habita o nordeste de Minas Gerais, que dada a falta de saneamento básico houve um surto de diarreia, deixando cerca de 200 indígenas hospitalizados e levando duas crianças ao óbito¹⁴. Considerando que o atendimento médico veterinário é capaz de promover melhoras nos níveis de bem-estar único (humano e animal) em territórios indígenas⁵, e, com base na necessidade de atuação do profissional em medicina veterinária para lidar com os impactos em territórios tradicionais, sugere-se uma área de atuação ligada diretamente às diversidades dos povos tradicionais, denominada neste resumo como “medicina veterinária indigenista e de povos originários”. Esse campo de atuação, com base em conhecimentos múltiplos e a participação transdisciplinar, possui influência direta dos aspectos associados à medicina veterinária do coletivo, medicina de produção, medicina veterinária da conservação, e medicina veterinária tradicional (medicina etnoveterinária), que busca possibilitar ações em territórios tradicionais, respeitando o conhecimento próprio com base na ecologia dos saberes e visando que as modalidades de abordagem em saúde única tenham participação ativa da comunidade envolvida. Dentre as abordagens possíveis nessa subárea de atuação, pode-se citar: manejo populacional de animais excedentes respeitando a relação



XIII Colóquio Técnico Científico de Saúde Única, Ciências Agrárias e Meio Ambiente

com a comunidade; uso de práticas tradicionais para o manejo e cuidado animal; monitoramento de saúde; doenças e agravos importantes na visão da saúde única em animais domésticos e silvestres; produção animal sustentável; e o uso e ocupação do solo em respeito às práticas tradicionais e ao território originário.^{4, 10, 16, 19, 20}

Além dos aspectos citados, um dos principais tópicos de atenção ao considerar a promoção de saúde única em territórios indígenas, seria o valor das medidas preventivas em comparação aos custos com métodos curativos. Ao entender que muitas doenças e agravos ocorrem com determinada frequência em territórios indígenas, tais como as leishmanioses (*Leishmania infantum*, *Leishmania (Viannia) braziliensis*), Chagas (*Trypanosoma cruzi*), toxoplasmose (*Toxoplasma gondii*), endoparasitoses por *Toxocara canis*, *Giardia* spp., circulação do vírus da raiva, dentre outros, faz-se necessário instituir medidas de vigilância, principalmente dos hospedeiros vertebrados e dos vetores, antecipando quadros de epizootias e de surtos epidêmicos na população humana, assim como os impactos ecossistêmicos secundários^{8, 11, 12, 13, 15, 18}.

Por fim, deve-se reforçar o importante papel da medicina veterinária nas estratégias que envolvem as práticas de educação em saúde única e de educação ambiental e humanitária. Entender as dinâmicas locais, mas também associar o conhecimento técnico-científico com o conhecimento tradicional, se faz necessário em uma abordagem que considere o todo ao abordar a dinâmica e ecologia de doenças, agravos de ordem ambiental, fatores de risco e exposição, além da relação mútua de respeito e promoção em práticas de bem-estar único, favorecendo a qualidade de vida animal e humana, promovendo bons indicadores em qualidade vegetal e ecossistêmica^{5, 10, 16}.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos obstáculos iniciais, hoje compreende-se a importância da integração do médico veterinário aos multiprofissionais postos a garantir o bem-estar coletivo nas comunidades indígenas, atuando principalmente na prevenção de doenças e garantia do bem-estar único trazendo uma prática de manejo eficiente e sustentável dos recursos naturais e garantindo um controle sanitário adequado no que tange a saúde animal, respeitando acima de tudo a cultura e os costumes de cada etnia. Assim, vale ressaltar a importância de serviços que integrem principalmente o monitoramento da saúde através de exames, orientações e associações entre o conhecimento científico e tradicional para a resolução de problemas e inovações de práticas de educação em saúde única e ambiental solucionária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALVES, M.C.R. **Atuação do Médico Veterinário em Vigilância Epidemiológica, Ambiental e Sanitária**. 19f. TCC, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade Estadual Paulista, campus de Botucatu, São Paulo, 2023.
2. ASSIS, E.M. et al. Prevalência de parasitos intestinais na comunidade indígena Maxakali, Minas Gerais, Brasil, 2009. **Cadernos de Saúde Pública**, 29, 681-90, 2013.
3. AROUCA, C., LIMA, N.T. Antropologia e Medicina: a saúde no Serviço de Proteção aos Índios (1942—1956). In: TEIXEIRA, CC., GARNELO, L., (Ed.), *Saúde Indígena em perspectiva: explorando suas matrizes históricas e ideológicas*. Rio de Janeiro: **Editora FIOCRUZ**, 2014, p. 59-83.
4. AZIZ, M.A. et al. Traditional uses of medicinal plants used by Indigenous communities for veterinary practices at Bajaur Agency, Pakistan. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, 18, 11, 2018.
5. BAKER, T. et al. Indigenous community perspectives on dogs in Northern Canada after 10 years of veterinary services indicates improved animal and human welfare. **Prev. Vet. Med.**, 181, 2020.
6. BATISTA, A.S. **Estereótipos do médico veterinário na sociedade: Uma abordagem sobre a valorização profissional**. 47f. TCC, Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal da Paraíba, 2021.
7. FIGUEIREDO, L.A **inclusão do médico-veterinário na saúde indígena é aprovada na 17ª Conferência Nacional de Saúde**. Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV), 2023.
8. JÚNIOR-TOLENTINO, D.S. et al. Rabies outbreak in Brazil: first case series in children from an indigenous village. **Infectious Diseases of Poverty**, 12, 78, 2023.
9. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Portaria nº 475, de 01 de setembro de 2008**. Altera a Portaria Interministerial MEC/MCT nº 3.185, de 07.10.2004, que dispõe sobre o registro de credenciamento das Fundações de Apoio a que se refere o inciso III, do artigo 2º, da lei nº. 8958/94.
10. OLIVARES, F. et al. “The climate itself must have hidden some medicines”: traditional veterinary medicine of indigenous and non-indigenous campesinos of the southern Andes. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, 18, 36, 2022.
11. PINTO, M.O.K.M. et al. Profile of American tegumentary leishmaniasis in transmission areas in the state of Minas Gerais, Brazil, from 2007 to 2017. **BMC Infectious Diseases**, 20, 163, 2020.
12. QUARESMA, P.F., et al. Wild, synanthropic and domestic hosts of *Leishmania* in an endemic area of cutaneous leishmaniasis in Minas Gerais State, Brazil. **Transactions of The Royal Society of Tropical Medicine and Hygiene**, 105, 10, 579–585, 2011.
13. REGO, F.D. et al. Molecular detection of *Leishmania* in Phlebotomine sand flies (Diptera: Psychodidae) from a cutaneous Leishmaniasis focus at Xakriaba indigenous reserve, Brazil. **Plos One**, 10, 4, 2015.
14. RONAN, G. **Médicos investigam causas do surto de diarreia entre maxacalis**. Estado de Minas, 2018. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2018/11/03/interna_gerais,1002665/medicos-investigam-causas-do-surto-de-diarreia-entre-maxacalis.shtml
15. ROCHA, M.O. et al. Remanescentes Xakriabá em Minas Gerais: prevalência da Doença de Chagas e Toxoplasmose e avaliação do quadro hematológico dos infectados. **Revista de Farmácia e Bioquímica**, 8, 19-27, 1987.
16. RUSCIO, B.A. et al. One health – a strategy for resilience in a changing Arctic. **International Journal of Circumpolar Health**, 74, 1, 2015.
17. SCHNEIDER, M.C. et al. Snakebites in Rural Areas of Brazil by Race: Indigenous the Most Exposed Group. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, 18, 17, 2021.
18. SCHURER, J.M. et al. People, pets, and parasites: one health surveillance in southeastern Saskatchewan. **American Journal of Tropical Medicine and Hygiene**, 90, 6, 1184–1190, 2014.
19. SPERB, C. et al. Os indígenas e seus animais de companhia sob a óptica da saúde única. **Clínica Veterinária**, 154, 2021.
20. WETZLER, E.A. et al. Changing transmission dynamics among migrant, indigenous and mining populations in a malaria hotspot in Northern Brazil: 2016 to 2020. **Malaria Journal**, 21, 127, 2022.

APOIO:

Grupo de Estudos em Bem-Estar e Saúde Única - GE-VIDA

